

Alicerces da Saúde Pública no Brasil

Daniela Gaspardo Folquitto
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Daniela Gaspardo Folquitto
(Organizadora)

Alicerces da Saúde Pública no Brasil

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A398 Alicercers da saúde pública no Brasil / Organizadora Daniela Gaspardo Folquitto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Alicercers da Saúde Pública no Brasil; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-18-5

DOI 10.22533/at.ed.185182708

1. Saúde pública – Brasil. I. Folquitto, Daniela Gaspardo. II. Série.
CDD 362.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Saúde é definida pela Organização Mundial da Saúde como “situação de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de enfermidade”. A Saúde Pública compreende um conjunto de medidas executadas pelo Estado para garantir o bem-estar físico, mental e social da população.

Neste contexto a busca pelo conhecimento nas diversas áreas da saúde como fisioterapia, psicologia, farmácia, enfermagem, nutrição, odontologia, meio ambiente são de grande importância para atingir o bem-estar físico, mental e social da população.

A Coletânea “Alicerces das Saúde Pública no Brasil” é um *e-book* composto por 44 artigos científicos que abordam assuntos atuais, como atenção básica, saúde mental, saúde do idoso, saúde bucal, saúde ambiental, cuidados com crianças e neonatos, atividade física, restabelecimento da movimento e capacidade funcional, nutrição, epidemiologia, cuidados de enfermagem, pesquisas com medicamentos entre outros.

Diante da importância, necessidade de atualização e de acesso a informações de qualidade, os artigos escolhidos neste *e-book* contribuirão de forma efetiva para disseminação do conhecimento a respeito das diversas áreas da Saúde Pública, proporcionando uma ampla visão sobre esta área de conhecimento.

Tenham todos uma ótima leitura!

Prof. MSc. Daniela Gaspardo Folquitto

SUMÁRIO

EIXO I: - SAÚDE MENTAL

CAPÍTULO 1 1

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE CUIDADO: RELATOS SOBRE ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO E VALORIZAÇÃO À VIDA

Hérica Maria Saraiva Melo
Dayanne Batista Sampaio
Rosana Rodrigues de Sousa
Jairane Escócia Silva Aquino
Sara Castro de Carvalho
Ana Lúcia Ferreira do Monte

CAPÍTULO 2 16

EM BUSCA DO SENTIDO:

A “DESCOBERTA” DO TERRITÓRIO NAS POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL E SEUS DESAFIOS

Lucas Tavares Honorato

CAPÍTULO 3 35

MORTALIDADE POR SUICÍDIO NO BRASIL DE 1999 A 2014

Manoel Borges da Silva Júnior
Giovanna de Oliveira Libório Dourado
Anderson Fuentes Ferreira
Daniela Costa Sousa
Francimar Sousa Marques
Felipe de Sousa Moreiras

EIXO II: - FISIOTERAPIA

CAPÍTULO 4 50

A FISIOTERAPIA E O RELATION PLAY:

CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA CORPORAL EM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Francisca Tatiana Dourado Gonçalves
Marcio Marinho Magalhães
Winthney Paula Souza Oliveira

CAPÍTULO 5 63

INFLUÊNCIA DO SEXO NA FLEXIBILIDADE DE ADOLESCENTES

Juliany Marques Abreu da Fonseca
Ana Caroline Alves Sampaio
Semira Selenia Lima de Sousa
Luisa Helena de Oliveira Lima

CAPÍTULO 6 70

APLICAÇÃO DA CINESIOTERAPIA NO TRATAMENTO FISIOTERÁPICO NA SÍNDROME FÊMORO PATELAR

Jose Alexsandro de Araujo Nascimento
Lindenbergue Fernando de Almeida Junior
Thiago Augusto Parente de Alencar

EIXO III: - SAÚDE MATERNO INFANTIL E NEONATAL

CAPÍTULO 7 78

A IMPORTÂNCIA DA MUSICOTERAPIA PARA A PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EM BEBÊS PREMATUROS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda Karoliny Meneses Resende
Luana Silva de Sousa
Jessyca Fernanda Pereira Brito
Nazareno Ferreira Lopes Coutinho Júnior
Celiomária Alves Xavier
Regilane Silva Barros
Marcelane Macêdo dos Santos
Weldania Maria Rodrigues de Sousa
Jéssica da Conceição Abreu
Rosimeire Muniz de Araújo

CAPÍTULO 8 90

A IMPORTÂNCIA DA TRIAGEM AUDITIVA NEONATAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Eliane Carvalho Sousa
Maria Helena de Sousa Santos
Ana Caroline Caldas de Freitas
Mariana Portela Soares Pires Galvão
Helnatan Kleyton dos Santos Teixeira
Endy Markechany de Sousa Lima
Elizama dos Santos Costa

CAPÍTULO 9 97

ALEITAMENTO MATERNO EM PUÉRPERAS: AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO E PRÁTICA

Mariana Teixeira da Silva
Ingred Pereira Cirino
Hilana Karen de Lima Santos
Fernanda Vitória de Oliveira Sousa
Camila da Costa Soares
Luísa Helena de Oliveira Lima
Edina Araújo Rodrigues Oliveira

CAPÍTULO 10 110

CONHECIMENTO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM SOBRE OS CUIDADOS PALIATIVOS À CRIANÇA COM CÂNCER: REVISÃO INTEGRATIVA.

Francisco Márcio Nascimento da Cruz
Juliana Macedo Magalhães
Claudia Maria Sousa de Carvalho
Jardel Nascimento da Cruz
Adriana Vasconcelos Gomes
Ana Beatriz Mendes Rodrigues

CAPÍTULO 11 119

CONSULTA DE ENFERMAGEM EM PUERICULTURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tácia Daiane Leite Sousa Soares
Anderson Maciel dos Anjos Lopes
Endy Markachany de Sousa Lima
Maria do Perpetuo Socorro Santiago Nascimento
Luis Gleizer Magalhães Timbó
Layse de Sousa Ferreira

CAPÍTULO 12..... 120

ICTERÍCIA NEONATAL: TERAPÊUTICA ADEQUADA

Cláudia Regina Silva dos Santos Cunha
Melissa de Almeida Melo Maciel Mangueira
Cristiane Vêras Bezerra Souza
Flávia Regina Vieira da Costa
Soraya de Jesus Araújo Cutrim
Nilton Maciel Nogueira

CAPÍTULO 13..... 132

MORTALIDADE MATERNA: PERCEPÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM ACERCA DO ABORTO

Gracielle de Sousa Gomes
Francisca Erinalda Oliveira de Sousa
Lana Gabriele de Sousa Arcanjo
Renata da Conceição Costa
Sarah Nilkece Mesquita Araújo

EIXO IV - EDUCAÇÃO EM SAÚDE

CAPÍTULO 14..... 141

ABORDAGEM REFLEXIVA NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE ENFERMAGEM SOBRE A PREVENÇÃO DA OSTEOPOROSE

Tharles Lindenberg de Brito Araújo
Francisco Marcio Nascimento da Cruz
Jardel Nascimento da Cruz
Elayne Kelly Sepedro Sousa
Wallyson André dos Santos Bezerra
Fabiana da Conceição Silva
Evaldo Hipólito de Oliveira

CAPÍTULO 15..... 154

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE VÍTIMA DE QUEIMADURAS

Fabyanna Lucena Costa
Hiêda Maria Porto Cintra
Emmanuelle Patrícia Oliveira Da Silva
Luiz Antônio Lima Araújo
Rakel Ferreira Da Costa
Márcia Adriane Da Silva Ribeiro
David Brito Soares

CAPÍTULO 16..... 161

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO TRABALHO DE PARTO: REVISÃO INTEGRATIVA

Danielly Matos Veras
Lucas Araújo Dantas de Oliveira
Victória Mércia de Sousa Alves
Karine de Magalhães Nogueira Ataíde

CAPÍTULO 17..... 170

ATIVIDADES EDUCATIVAS SOBRE DOENÇAS RARAS: RELATO DE EXPERIENCIA

Luana Silva de Sousa
Amanda Karoliny Meneses Resende
Jessyca Fernanda Pereira Brito
Celiomária Alves Xavier
Marcília Soares Rodrigues
Anneth Cardoso Basílio da Silva
Alice Figueiredo de Oliveira

*Karyne Silva Campos
Dayana Silva Moura*

CAPÍTULO 18 **181**

FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE UM GRUPO DE PESQUISA

*Yanka Alcântara Cavalcante
Tamires Maria Silveira Araújo
Quitéria Larissa Teodoro Farias
Sibele Pontes Farias
Ana Suelen Pedroza Cavalcante
Aparecida Lara Carlos Xavier
Maksoane Nobre do Nascimento
Maristela Inês Osawa Vasconcelos*

EIXO V - ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE

CAPÍTULO 19 **190**

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO EM SALA DE VACINA NA ATENÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Bruna dos Reis Nespoli
Lílian Maria Almeida Costa
Fernanda Cláudia Miranda Amorim
Carolinne Kílcia Carvalho Sena Damasceno*

CAPÍTULO 20 **197**

CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: CONDIÇÕES DE SAÚDE E ACESSO A SERVIÇOS BÁSICOS

*Rekle Gean Pereira Siriano Ferreira
Matheus Gonçalves Ferreira
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel*

EIXO VI: - SAÚDE AMBIENTAL

CAPÍTULO 21 **211**

ACIDENTES COM TRANSPORTE RODOVIÁRIO DE PRODUTOS PERIGOSOS NA BAHIA: UM OLHAR AMPLIADO

*Lívia Maria da Silva Gonçalves
Cláudia Oliveira D'Arede
Luiz Roberto Santos Moraes*

CAPÍTULO 22 **230**

O GERENCIAMENTO DOS RESÍDUOS DE SERVIÇOS DE SAÚDE NO CONTEXTO DA SEGURANÇA DO PACIENTE

*Dayane Clock
Roseneide Campos Deglmann
Márcia Bet Kohls
Marceli Diana Helfenstein Albeirice da Rocha
Patrícia Fernandes Albeirice da Rocha
Roni Regina Miquelluzzi
Therezinha Maria Novais de Oliveira*

CAPÍTULO 23 **236**

QUALIDADE MICROBIOLÓGICA DA ÁGUA TRATADA DE UMA UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARANÁ

*Leanna Camila Macarini
Callegary Viana Vicente
Helena Teru Takahashi Mizuta
Fabiana André Falconi*

SOBRE A ORGANIZADORA **242**

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE CUIDADO: RELATOS SOBRE ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO E VALORIZAÇÃO À VIDA

Hérica Maria Saraiva Melo

Universidade Federal do Piauí/ Colégio Técnico de Teresina
Teresina - Piauí

Dayanne Batista Sampaio

Universidade Federal do Piauí
Parnaíba - Piauí

Rosana Rodrigues de Sousa

Universidade Federal do Piauí/ Colégio Técnico de Teresina
Teresina - Piauí

Jairane Escócia Silva Aquino

Universidade Federal do Piauí/ Colégio Técnico de Teresina
Teresina - Piauí

Sara Castro de Carvalho

Universidade Federal do Piauí
Teresina - Piauí

Ana Lúcia Ferreira do Monte

Universidade Federal do Piauí/ Colégio Técnico de Teresina
Teresina - Piauí

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo relatar a experiência de intervenções realizadas por profissionais ao público adolescente, apoiando-se em estudos que confirmam que o ambiente escolar constitui-se num espaço privilegiado para a construção de estratégias de prevenção ao suicídio. As intervenções ocorreram no Projeto Ocupação Cultural

desenvolvido pelo Programa de Assistência Estudantil (PAE) do Colégio Técnico de Teresina (CTT), escola vinculada à Universidade Federal do Piauí (UFPI). Realizou-se uma programação, junto aos alunos, para o “Setembro Amarelo”, que incluiu rodas de conversa no pátio, palestra, debate de filme e oficina. Os resultados indicaram que é crucial falar abertamente, e de maneira responsável, sobre o ato de acabar com a própria vida e as questões que cercam esta experiência. A proposta de cuidado e de intervenção em saúde na escola teve por base, sobretudo, o processo de quebra de tabus sobre o suicídio, por meio de espaços que favorecessem a discussão e acolhessem os estudantes de forma cuidadosa, incluindo-os como atores sociais. A intervenção pôde dar visibilidade a um assunto geralmente silenciado e evidenciou-se como ferramenta estratégica de prevenção ao suicídio, acolher sem julgamento, escutar com empatia, identificar as emoções e aprender a gerenciá-las com parcimônia. Possibilitou à equipe do PAE fortalecer os vínculos com os estudantes, facilitando o diálogo sobre suicídio e evitando entrar na cumplicidade do silêncio que conduz à negação ou à minimização do problema. Almeja-se a continuidade das ações envolvendo essa temática, que se apresenta como um desafio para profissionais da saúde e da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental; Suicídio;

ABSTRACT: This article aims to report on the experience of interventions made by professionals to the adolescent public, based on studies that show that the school environment is a privileged space for the construction of strategies to prevent suicide. The interventions took place in the Cultural Occupation Project developed by the Student Assistance Program (PAE) of the Technical College of Teresina (CTT), a school linked to the Federal University of Piauí (UFPI). There was a program, together with the students, for the “Yellow September”, which included talk wheels on the patio, lecture, film debate and workshop. The results indicated that it is crucial to speak openly, and responsibly, about ending life itself and the issues surrounding this experience. The proposal of care and intervention in health at school was based, above all, on the process of breaking the taboos on suicide, through spaces that favored discussion and welcomed students in a careful way, including them as social actors. The intervention was able to give visibility to a generally muted subject and was evidenced as a strategic tool for suicide prevention, to welcome without judgment, to listen with empathy, to identify the emotions and to learn to manage them with parsimony. It enabled the PAE team to strengthen ties with students, facilitating dialogue about suicide and avoiding to enter into the complicity of the silence that leads to denial or minimization of the problem. It is hoped the continuity of the actions involving this theme, which presents itself as a challenge for health professionals and education.

KEYWORDS: Mental Health; Suicide; Health Promotion.

1 | INTRODUÇÃO

O suicídio é um fato social de repercussões subjetivas (DURKHEIM, 1982), caracterizado por uma cadeia de acontecimentos negativos, autoatribuições impresumíveis e sentimentos de desesperança (TEIXEIRA, 2010). É considerada uma temática de grande relevância na agenda das políticas de saúde, mas que mobiliza poucos atores sociais na busca de estratégias preventivas, não sendo uma problemática tão valorizada no que concerne às ações de prevenção (MACHADO; LEITE; BANDO, 2014).

A Organização Mundial de Saúde – OMS estima em nível internacional, que até 2020, cerca de 1,5 milhões de pessoas irão cometer suicídio (SOUZA, 2010). A problemática encontra-se entre as cinco principais causas de morte na faixa etária dos 15 a 19 anos, e o grupo etário de 15 a 24 anos corresponde à segunda causa de mortalidade (SAMPAIO et al., 2000). Embora a maioria dos adolescentes não expressem um desejo explícito de morte, os comportamentos de envolvimento em situações de risco podem indicar uma desvalorização da vida, com falta de perspectivas de futuro (SOUZA; KUCZYNSKI, 2012).

Baggio et al. (2009) destacam que é na escola que os padrões de relacionamento

e comportamento são reproduzidos, assim as principais estratégias de promoção, proteção e prevenção à saúde de adolescentes são essenciais que aconteçam no ambiente escolar. A escola torna-se assim locus para a identificação precoce de indivíduos em risco de suicídio (BAGGIO; PALAZZO; AERTS, 2009; SOUZA, 2010).

Estratégias como criar espaços para uma melhor compreensão dos estudantes sobre a fase da adolescência, estimulá-los a tomar decisões e a se sentirem capazes de solucionar conflitos que surgem no decorrer da vida, é tarefa de toda a comunidade escolar (TEIXEIRA, 2002).

Dessa forma, destaca-se que o suicídio em adolescentes vem merecendo uma maior atenção no campo da saúde pública e da educação. Compreender que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano marcada por mudanças biológicas, físicas e emocionais (NOVELLO, 2009) e ter conhecimento dos indicadores e dos fatores associados ao agravo, constitui-se um passo importante para subsidiar a comunidade escolar na prevenção da ideação suicida e tentativas de suicídio em escolares. Profissionais da saúde, educação e familiares necessitam de preparo para saber lidar com a problemática como algo real, evitando entrar na cumplicidade do silêncio que conduz à negação ou tentativas fantasiosas de minimização do problema.

A partir do conhecimento sobre essa temática, o educador e demais membros da equipe escolar poderão ajudar o adolescente a enxergar possibilidades no seu existir enquanto sujeito, ultrapassando seus sofrimentos e representando uma figura de apoio para o mesmo, valorizando a vida e todas as especificidades que a cercam. Além disso, o profissional pode ser capaz de identificar sinais de alerta em adolescentes em risco de suicídio, uma vez que estes sinais geralmente escapam à compreensão e à percepção de outras pessoas que fazem parte da sua convivência, como seus familiares.

É importante ressaltar que o suicídio está intimamente relacionado com a qualidade de vida social do indivíduo. Constantes fenômenos sociais (depressão, privações materiais e emocionais, violência, baixa autoestima, a imposição de sentimentos de culpa, ausência familiar, carência, entre outros) de intensa vulnerabilidade comprometem o sujeito e sua relação de existir e fazer. As pessoas, as suas circunstâncias e os seus núcleos de apoio exigem a capacidade de maior aproximação possível do cotidiano da vida das pessoas, pois é nele que riscos, vulnerabilidades se afirmam.

Nesse sentido, considerando que o suicídio é reconhecidamente um problema de saúde pública mundial (World Health Organization - WHO, 2010) e que a adolescência tem sido considerada um período vulnerável a este comportamento, o presente artigo objetiva relatar a experiência de intervenções realizadas por profissionais da Educação ao público adolescente do ensino médio de uma escola pública em Teresina-PI, apoiando-se em estudos que confirmam que o ambiente escolar constitui-se num espaço privilegiado para a construção de estratégias de prevenção ao suicídio.

2 | METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um relato de experiências desenvolvidas no Colégio Técnico de Teresina (CTT), escola vinculada à Universidade Federal do Piauí (UFPI). A instituição possui cerca de 500 alunos de cursos técnicos, inclusive com modalidade concomitante ao ensino médio. Atende, portanto, públicos variados, com predominância de adolescentes.

As intervenções foram realizadas através do Projeto Ocupação Cultural, elaborado e desenvolvido pelo Programa de Assistência Estudantil (PAE) e ocorreram no ano de 2016. As ações foram realizadas por 150 estudantes contemplados por bolsas de auxílio estudantil. O projeto objetivou a inserção de atividades e/ou discussões temáticas referentes ou relacionadas às temáticas de escolhas dos estudantes, partindo inicialmente das diversas datas comemorativas presentes no calendário brasileiro, resgatando aspectos histórico-culturais e sociais de modo que os alunos desenvolvessem uma consciência crítica a respeito de sua formação enquanto sujeito e cidadão.

Considerando que os estudantes são aqueles que especialmente constituem a equipe da escola e que o objetivo é sua formação e atuação, entende-se que o desenvolvimento das atividades realizadas por eles, em parceria com os professores e toda a equipe do Colégio, empoderam seu protagonismo juvenil e o despertar de melhores perspectivas de vida e de futuro.

Os adolescentes se organizaram em grupos de quinze integrantes responsáveis por desenvolver atividades multiculturais. O delineamento das propostas foi definido com cada grupo de alunos, priorizando suas percepções e desejos sobre a temática escolhida. O grupo definia, junto à equipe do PAE, o roteiro de execução da temática, com objetivos e metodologia. As atividades ocorreram durante uma semana ou em dias específicos, dependendo da abordagem escolhida pelo grupo para o tema proposto.

As intervenções deste trabalho são um recorte das ações que ocorreram no Projeto Ocupação Cultural. Durante o mês de setembro, realizou-se uma programação relacionada à valorização da vida e prevenção do suicídio, o “Setembro Amarelo”, que incluiu metodologias diversas como: rodas de conversa no pátio; palestra; Exibição e debate de filme através do CINE CTT e oficina. Isso acabou reforçando a importância da atitude criadora como agente potencial da ação de cuidado.

Para operacionalização das ações, foram realizadas reuniões entre o grupo responsável e a equipe do PAE para seleção do material a ser utilizado para a divulgação da temática e dos encontros, bem como os instrumentais a serem utilizados como facilitadores para discussão dos pontos-chaves sobre o tema. Durante todo o período das atividades, foram utilizadas mídias sociais para a divulgação, murais da escola e comunicação verbal em cada espaço escolar sobre as ações que seriam

desenvolvidas.

As metodologias adotadas aliaram informação à ação, sendo dada aos estudantes a oportunidade de perceberem os medos, as angústias e os tabus diante do tema do suicídio, bem como a perspectiva de como enfrentar a questão da ideação e o próprio suicídio, fortalecendo o surgimento de apoio social como forma de enfrentamento da questão. O enfoque sistêmico norteou a compreensão do processo adolescente e seus sistemas de referência.

Parte-se do reconhecimento, segundo Silva (2009), que o protagonismo juvenil pressupõe uma relação dinâmica entre formação, conhecimento, participação, responsabilização e criatividade como mecanismo de fortalecimento da perspectiva de educar para a cidadania. Assim, possibilitar conhecer a temática em questão, pode despertar nos indivíduos envolvidos a importância do vínculo afetivo, apoio social, amor e convivência no trato quanto à prevenção do ato suicida, uma vez que falar sobre suicídio é de grande relevância para o indivíduo que pode atuar tanto no seu âmbito individual, como no âmbito coletivo. Desse modo, é possível “instalar” uma rede fortalecida visando reduzir danos causados e, concomitantemente, aumentando a prevenção das ideações suicidas.

Durante a execução das ações afirmou-se que escola constitui um espaço privilegiado para prevenção ao suicídio de adolescentes e de que os educadores tem papel importante na identificação dos fatores de risco. Serão detalhadas, a seguir, as atividades realizadas.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

O fato dos estudantes terem escolhido esse tema para ser discutido na escola corrobora com inquietações que são também da sociedade. Passam, portanto, a se questionarem: Por que o suicídio é um assunto sobre o qual não se pode falar? Por que o tema do suicídio se tornou um tabu em torno do qual se construiu tantos mitos e concepções equivocadas? Por que é tão estigmatizado o autor deste ato enigmático?

No mês de Setembro, geralmente a sociedade brasileira está intensamente mobilizada pela campanha do Setembro Amarelo, que tem como um dos seus objetivos a divulgação do tema da Prevenção e da Posvenção do Suicídio. O Brasil aderiu ao Dia Mundial de Prevenção do Suicídio, mas percebendo que um único dia seria insuficiente para a realização de tantas ações de prevenção, em 2014, o CVV - Centro de Valorização da Vida, em parceria com outras entidades estendeu a campanha para todo o mês de setembro, denominando-a de Setembro Amarelo. Ano após ano, esta Campanha vem crescendo, ganhando força e visibilidade. Sua grande relevância se deve à capacidade de descortinar, tornar público, trazer à tona um problema extremamente importante, mas ao mesmo tempo silenciado e escondido na sociedade (CARVALHO, 2017).

Os programas de prevenção de suicídio são fundamentados, em sua maioria, na relação entre os fatores de risco e os fatores de proteção. Isso quer dizer que identificar fatores de risco permite ações e intervenções junto aos fatores protetores. Nesse sentido, no CTT/UFPI, a equipe do PAE, juntamente com os alunos, preparou uma programação para o “Setembro Amarelo”. A programação para abordar o tema na escola incluiu rodas de conversa no pátio, palestra, debate de filme e oficina. A seguir, serão detalhadas as atividades realizadas.

A primeira roda de conversa possibilitou o diálogo sobre significados, sentimentos, pensamentos e lembranças que a temática desperta (Figura 1). Há ainda muita desinformação acerca do tema e, segundo D’Oliveira (2017), há uma predominância na falta de serviços especializados ou técnicos pouco qualificados para atender a esta demanda, o que faz da saúde pública, mais precisamente da saúde mental pública do país, um dos eixos a ser discutido dentro da problemática do suicídio. Em linhas gerais, o suicida, com seu ato, desestabiliza a dinâmica familiar e social, contraria as leis cristãs, desafia a lógica capitalista e subverte a Ordem Médica. Por tudo isso, o sujeito suicida é prejulgado e condenado pela sociedade (CARVALHO-RIGO, 2016).

Por isso, quando o Setembro Amarelo promove a discussão e a sensibilização da sociedade em torno do suicídio, o tema ganha visibilidade e a instituição assume responsabilidade e comprometimento com estratégias de prevenção.



Figura 1. Roda de conversa.

Fonte: Os autores.

Na segunda roda de conversa, foram escritas previamente frases em cartazes e, em seguida, distribuídas para os alunos presentes. Cada aluno comentava sobre aquela frase e abria-se a discussão para o grupo acerca de mitos e verdades sobre a temática (Figura 2).



Figura 2. Dinâmica sobre mitos e verdades.

Fonte: Os autores.

As informações sobre a temática acabam gerando conscientização, mobilização e demanda. Percebe-se, com isso, que os alunos passam a ter um olhar acolhedor para os pares e a ter um olhar atento e de cuidado também para si.

Na terceira roda de conversa, os alunos compartilharam experiências de tentativas de suicídio e refletiram sobre a importância da rede de apoio e formas que encontraram (e encontram) de valorizar a vida (Figura 3). Percebeu-se o grau de preocupação e o impacto que o tema gera nos jovens, fazendo emergir a liberação de sentimentos que remeteu a histórias pessoais ou memórias de tentativas de suicídio ou suicídio.



Figura 3. Relato de depoimento.

Fonte: Os autores.

Nesse sentido, Carvalho (2014) aborda o suicídio como uma manifestação humana, uma (única) alternativa que pode ser usada quando a vida se torna insuportável. Um modo de lidar com a dor de existir. Destaca que o ser falante, ou *falasser*, é o único ser vivo que atenta contra a própria vida, que faz da morte uma escolha. Para a autora, o homem só suporta a vida porque tem na morte uma escolha,

o que a torna suportável:

O homem suporta a vida pela possibilidade que dispõe de matar-se. A morte é o que torna a vida possível. A vida é real e a morte simbólica, e se o real é o impossível, viver é o exercício da impossibilidade. E o suicídio é uma escolha capaz de dar um significado à vida quando ela chega ao limite da impossibilidade (CARVALHO, 2014, p. 145).

Ao final desse encontro, os alunos sugeriram confraternizar com um abraço coletivo (Figura 4). Braga e Dell'Aglio (2013) destacam que as experiências vividas no grupo de pares podem ser muito significativas e influenciar as características individuais dos adolescentes, incluindo comportamentos, temperamentos, cognições e habilidades para resolução de problemas, além de influenciar na sua autoestima e amenizar o impacto de eventos estressores, constituindo-se em importante fonte de apoio emocional e social.

Nesse sentido, ainda nesse encontro, destaca-se que, espontaneamente, os alunos começaram a cantar a letra da música gospel “Raridade” de Anderson Freire:

Você é um espelho que reflete a imagem do Senhor/ Não chore se o mundo ainda não notou/ Já é o bastante Deus reconhecer o seu valor/ Você é precioso, mais raro que o ouro puro de ofir/ Se você desistiu, Deus não vai desistir/ Ele está aqui pra te levantar se o mundo te fizer cair (FREIRE, 2013).

Um dos fatores de proteção contra o comportamento suicida é a religião (BOTEGA et al., 2006). Moreira-Almeida, Lotufo Neto e Koenig (2006) apresentam vários estudos em que maiores níveis de envolvimento religioso são associados positivamente com indicadores de bem-estar psicológico (por exemplo, satisfação com a vida) e negativamente com diagnósticos de depressão, abuso de álcool e outras drogas, bem como, com pensamentos e comportamentos suicidas.



Figura 4. Momento de afetividade no grupo.

Fonte: Os autores.

No contexto da prevenção, além de conhecer os riscos, torna-se fundamental a compreensão dos fatores de proteção. Tais variáveis atuam reduzindo os efeitos de exposição ao risco, diminuindo a possibilidade de ideação e, conseqüentemente, as tentativas e o suicídio propriamente dito. Nessa direção, apesar da aparente dicotomia (risco x proteção), deve-se observar que, em muitos casos, um mesmo evento, dependendo da forma como se apresenta, pode assumir tanto o polo do risco como o da proteção (COSTA; BRIGAS, 2007; MINAYO; FIGUEIREDO; MANGAS, 2017).

Na mesma direção, Santos et al. (2016), identificaram as variáveis que podem atuar na dimensão risco e proteção frente à ideação suicida, especificamente, buscase conhecer em que medida a satisfação com a vida, a saúde mental e o compromisso religioso atuam como variáveis explicativas da ideação suicida.

Compreende-se que a convivência com os pares – especialmente na fase da adolescência, em que os relacionamentos interpessoais fora do âmbito familiar têm fundamental importância para o jovem em desenvolvimento – pode servir como importante fator de proteção ao suicídio na adolescência (BRAGA; DELL’AGLIO, 2013).

Seguindo a programação, ocorreu uma palestra no auditório da escola, intitulada “Educação para a morte e valorização da vida”, que foi ministrada por uma psicóloga, sendo um momento também de diálogo e de sanar dúvidas (Figura 5).



Figura 5. Palestra “Educação para a morte e valorização da vida”.

Fonte: Os autores.

Ao abordar a temática da “educação para a morte”, remetemo-nos ao seguinte questionamento: Como preparar pessoas para esse fato tão presente na existência? Kovács (2005) afirma que esse é um desafio é ainda mais urgente para os profissionais de saúde e educação. A autora considera que a educação é entendida como desenvolvimento pessoal, aperfeiçoamento e cultivo do ser, que também pressupõe uma preparação para a morte, envolvendo comunicação, relacionamentos, perdas, situações-limite, como, por exemplo: fases do desenvolvimento, perda de pessoas significativas, doenças, acidentes, até o confronto com a própria morte. Para isso, discute várias propostas de educação para a morte.

O filme que foi exposto na programação do Setembro Amarelo, intitulado “Elena”, objetivou expor a angústia da personagem e o sofrimento frente ao suicídio de todos que a cercavam (Figura 6). Seu debate proporcionou aos estudantes compreender o sentimento de impotência das pessoas que estão diante de alguém que pensa em suicídio.



Figura 6. Cartaz de divulgação do filme.

Fonte: Os autores.

O campo da infocomunicação parece ter um papel estratégico, que é o de dar visibilidade a um assunto silenciado, contribuindo para que seja removido o estigma que o acompanha. Sobre o filme, Bteshe (2014) destaca uma questão importante suscitada pelo mesmo: falar abertamente sobre o suicídio. Mais do que o relato de um suicídio na família, Elena é um filme sobre a possibilidade, a partir do uso de narrativas, de preencher os vazios simbólicos deixados por experiências de sofrimento radicais, que podem engendrar incertezas insuportáveis típicas de um encontro traumático. Ao prezar pela capacidade do ser humano de simbolizar algo que ameaça violentamente romper o equilíbrio da vida, este filme é fundamental para todos, sobretudo, para aqueles que atuam cotidianamente no campo da saúde.

Petra traz para a tela do cinema e para a mídia este tema que ainda causa um extremo desconforto, vergonha, culpa e que, na maioria das vezes, é visto, mesmo no meio cultural e artístico, como um assunto mórbido e pesado. Elena, ao contrário, é um filme de extremo bom gosto. Poético sem ser piegas. Intenso sem ser penoso (BTESHE, 2014, p. 581).

É importante que educadores e familiares percebam os sinais de aviso que, por vezes, denotam a intenção suicida do adolescente através de mensagens tais como: “eu não suporto mais”, “eu preferia morrer a ter que”. Bteshe (2014) afirma que quando não existe um espaço, seja público ou privado, para que as pessoas possam falar, compartilhar e esclarecer seus sentimentos e dúvidas, o luto ou a elaboração desse ato se torna muito mais difícil. Além disso, a desinformação, o preconceito e o julgamento moral, que geralmente aparecem junto ao comportamento suicida, muitas vezes interferem na dinâmica da família e na rede social próxima que acabam sendo as mais atingidas pelo estigma social.

A atividade de encerramento da programação foi uma oficina intitulada “Árvore da vida” (Figura 7). Os alunos escolheram uma árvore próxima ao pátio da escola, com a finalidade de expor atos de cuidado e afeto através de mensagens em balões amarelos, destinadas a pessoas que estavam pensando em suicídio.



Figura 7. Momentos da oficina árvore da vida.

Fonte: Os autores.

Durante a execução da oficina, foi possível resgatar o potencial educativo da escola, entendida como um meio que prepara para a vida. Carvalho (2017) destaca que uma Campanha da importância e porte do Setembro Amarelo não deve se resumir

apenas a pintar de amarelo ou iluminar praças e monumentos, mas de conscientizar a sociedade sobre este grave problema e, sobretudo, absorver a demanda que será gerada nos meses seguintes. Nesse sentido, a escola possui uma rede de apoio para acompanhar e encaminhar a demanda surgida.

Paradoxalmente, a escola pode ser considerada um fator de risco e de proteção. Uma pesquisa feita por Teixeira (2004) aponta que os adolescentes escolares consideram a escola muito mais como contexto desfavorável ao crescimento de uma pessoa do que numa dimensão positiva que favoreça a vivência de sentimentos de amor a si próprio e a instalação de esperança permanente no viver. É fundamental que a escola estabeleça uma rede de apoio ao adolescente, “trata-se da esperança de que seja dada ao adolescente a oportunidade para que sua existência se inscreva num tempo e espaço plenos de significados” (TEIXEIRA, 2004, p.38).

De forma geral, os resultados indicaram que é crucial falar abertamente, e de maneira responsável, sobre o ato de acabar com a própria vida e as questões que cercam esta experiência. Benincasa e Rezende (2006) destacam que os fatores de risco relacionados ao suicídio na adolescência (“Briga dos pais, solidão e traição de amigos, parceiro”) mostram a necessidade de desenvolvimento de estratégias de intervenção através de programas de promoção de saúde voltados a esse público. A oferta de um espaço de escuta foi uma das sugestões apontadas pelos sujeitos.

Dutra (2000) aponta que a angústia, a alienação de si mesmo e o ser-para-a-morte estão presentes nas vivências desses adolescentes, desvelando o mundo físico, cultural e socioeconômico no qual o ser-aí se vê lançado na sua facticidade.

Por tudo o que foi exposto, destaca-se que a proposta de cuidado e de intervenção em saúde na escola teve por base, sobretudo, o processo de quebra de tabus sobre o suicídio, através da abertura de espaços de fala que não somente acolhessem os estudantes de forma cuidadosa, mas que os incluíssem como atores sociais.

Os resultados apresentados possibilitaram conhecer mais sobre a forma de estar-no-mundo do adolescente, sobretudo diante das reflexões e discussões acerca do suicídio, bem como ensinar reflexões sobre prevenção no contexto da saúde e educação; pois se sabe que esta é uma das perspectivas que se configuram como das mais pertinentes quando se aborda a saúde mental, ou seja, o nível de atenção primária.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção pôde dar visibilidade a um assunto geralmente silenciado e evidenciou-se como ferramenta estratégica de prevenção ao suicídio, acolher sem julgamento, escutar com empatia, identificar as emoções e aprender a gerenciá-las com parcimônia. É pertinente retomar a ideia de que a escola pode constituir um espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes.

Nessa perspectiva, consideram-se tanto questões sociais quanto psicológicas. Corroborando com Angerami-Camon (1997), o autor considera que a sociedade influencia significativamente os pensamentos intentos suicidas, já que engloba as relações interpessoais, mercado de trabalho, competitividade, visto que mesmo sendo um ato individual, com sua morte o suicida não nos diz somente que já não suportava mais. Também fala de nós (sociedade). Ocorre, portanto, uma ruptura social, pois no suicídio, mesmo sendo um ato individual, há a presença da sociedade a que pertence.

Nesse sentido, a escola pode ser um espaço onde se manifestam atos de descuido (a exemplo, bullying), como pode integrar a rede fortalecida de programas de prevenção ao suicídio, através da execução de atividades que estimulem a autoestima dos adolescentes e criem espaços de diálogos, sobretudo sobre a fase da adolescência. Dar oportunidade aos adolescentes de entender o processo pelo qual passam e estimulá-los a se sentirem capazes de lidar com seus próprios problemas são tarefas de todos os educadores.

Nesse sentido, acredita-se que a intervenção relatada, embora de curta duração, atingiu os objetivos pretendidos: sensibilizar os estudantes para a necessidade de identificar fatores de risco do suicídio em si, em outros adolescentes, em pessoas que estão ao seu redor e de conscientizar-se para a importância do trabalho em rede social, colocando a escola como importante instância da sociedade capaz de desenvolver ações preventivas. Prevenir o suicídio é uma ação de apoio e compaixão que exige atenção por parte das famílias, das escolas, dos serviços sociais e de saúde, mas também da sociedade.

Conhecer o processo existencial que conduz o adolescente a não querer viver, permite empreender reflexões que possam ensejar o desenvolvimento de estratégias educativas e de saúde em escolas, por exemplo, no sentido de informar, esclarecer, orientar e, principalmente, de acolher as angústias e preocupações acerca das questões problematizadas.

O trabalho desenvolvido possibilitou à equipe do PAE fortalecer os vínculos com os estudantes, facilitando o diálogo sobre suicídio e evitando entrar na cumplicidade do silêncio que conduz à negação ou à minimização do problema. Almeja-se a continuidade das ações envolvendo essa temática, que se apresenta como um desafio para profissionais da saúde e da educação.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMOM, V. A. **Suicídio**: Fragmentos de Psicoterapia Existencial. Pioneira, 1997.

BAGGIO, L.; PALAZZO, L. S.; AERTS, D. R. G. C. Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 142-150, 2009.

BENINCASA, M.; REZENDE, M. M. Tristeza e suicídio entre adolescentes: fatores de risco e proteção.

Boletim de Psicologia, v. LVI, n. 124, p. 93-110, 2006.

BTESHE, M. Elena, o filme: narrativas sobre a experiência do suicídio. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 8, n. 4, p. 575-581, out-dez 2014.

BOTEGA, N. J. et al. Prevenção do comportamento suicida. **Psico**. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 213-220, 2006.

BRAGA, L. L. DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, v. 6, n. 1, p. 1-14, jan.-jun. 2013.

CARVALHO-RIGO, S. C. **El suicidio y la (des)orden medica**. Trabalho apresentado no VII Congreso de Suicidología de Asociacion Latinoamérica y El Caribe – ASULAC. Santiago, 2016.

CARVALHO, S. **A morte pode esperar**. Campo Psicanalítico, Brasil, 2014.

_____. **O Setembro Amarelo e as repercussões na saúde pública**. 2017. Em: < <http://www.rebraps.com.br/2017/10/artigo-sobre-o-setembro-amarelo.html>>. Acesso em 01/03/2018.

COSTA, M. C. O.; BIGRAS, M. Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, p. 1101-1109, 2007.

D'OLIVEIRA, C. F. **Conversa sobre suicídio**. 2017. Em: <www.conversasobresuicidio.com.br/aovivo>. Acesso em 22/03/2018.

DURKHEIM, E. **O Suicídio**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1982.

DUTRA, E. M. S. **Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da abordagem centrada na pessoa**. 195p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2000.

FREIRE, A. Raridade. By Anderson Freire. **Raridade**. MK Music: 2013.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

MACHADO, M. F. S.; LEITE, C. K. S.; BANDO, D. H. Políticas públicas de prevenção ao suicídio no Brasil: uma revisão sistemática. **Revista Gestão e Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 334-356, 2014.

MINAYO, M. C. S.; FIGUEIREDO, A. E. B.; MANGAS, R. M. N. O comportamento suicida de idosos institucionalizados: histórias de vida. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 981-1002, 2017.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 242-250, set. 2006.

NOVELLO, F. P. **Psicologia da Adolescência: o despertar para a vida**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

SAMPAIO, D. et al. Representações sociais do suicídio em estudantes do ensino secundário. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 18, n. 2, p. 139-155, 2000.

SANTOS, W. S. S.; ULISSES, S. M.; COSTA, T. M.; FARIAS, M. G.; MOURA, D. P. F. A influência de fatores de risco e proteção frente à ideação suicida. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 17, n. 3, p.

515-526, 2016.

SILVA, T. G. **Protagonismo na adolescência**: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano. 152p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

SOUZA, C. M. C.; KUCZYNSKI, E. **Qualidade de vida na infância e na adolescência**. In: JÚNIOR, F. B. A.; KUCZYNSKI, E. (Orgs.). Tratado de Psiquiatria da Infância e da Adolescência. 2. ed, p. 763-773. São Paulo: Atheneu, 2012.

SOUZA, F. Suicídio: dimensão do problema e o que fazer. **Psiquiatria Hoje**, v. 2, n. 5, p. 6-8, 2010.

TEIXEIRA, C. M. F. S. A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes – relato de experiência. **Revista da Faculdade de Educação da UFG**, v. 27, n. 1, p. 1-15, 2002.

_____. Tentativa de suicídio na adolescência *Revista UFG*, v. 6, n. 1, p. 36-38, 2004.

TEIXEIRA, J. M. Razões para viver! Razões para morrer! Uma abordagem fenomenológica do suicídio. **Psiquiatria Hoje**, v. 2, n. 5, p. 16-21, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). 2010. **Participant manual – IMAI One-day Orientation on Adolescents Living with HIV Geneva**. Em: <http://whqlibdoc.who.int/publications/2010/9789241598972_eng.pdf>. Acesso em: 10/03/2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

DANIELA GASPARDO FOLQUITTO

Coordenadora do curso de farmácia das Faculdades Integradas dos Campos Gerais – CESCAGE. Docente no curso de farmácia nas disciplinas de Botânica, Farmacognosia e Estágio Supervisionado em Análises Clínicas, Bacharel em Farmácia-Bioquímica pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Especialista em Farmácia Hospitalar (IPH-SP) e Especialista em Microbiologia Clínica (PUC-PR) Mestre e Doutoranda em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Possui experiência com o desenvolvimento de pesquisas na área de fitoquímica.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-18-5



9 788585 107185